

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/336838747>

Afinal, o que são crioulos e pidgins?

Article · September 2019

CITATIONS

0

READS

1,771

1 author:



Bruno Pinto Silva

University of São Paulo

3 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Dicionário Bilingue: Crioulo Haitiano—Português [View project](#)

SILVA, Bruno Pinto. 2019. Afinal, o que são crioulos e pidgins? Texto apresentado para a conclusão da disciplina FLL 5087 - Contato de Línguas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Afinal, o que são crioulos e pidgins?

Bruno Pinto Silva*
Universidade de São Paulo
bpsilva@usp.br

RESUMO: Apesar da aparente simplicidade com que os livros de introdução à linguística, e os dicionários especializados, explicam o que são crioulos e pidgins, quem se aventura pelas áreas de estudo do contato de línguas se vê em meio a muitas controvérsias. O presente texto não é uma historiografia da linguística de contato, nem da crioulistica, mas pretende dar uma introdução a algumas das ideias clássicas e às rupturas a essas ideias que circulam entre os crioulistas. Na seção final apresentam-se dados históricos, sociais e estruturais de um crioulo específico, o crioulo haitiano.

Palavras-chave: *Crioulistica. Crioulos. Linguística de Contato. Pidgins.*

1. Introdução

A pergunta-título deste texto pode dar a falsa impressão de que o leitor saberá como definir o que é um crioulo ou um pidgin após ler o texto. É possível, no entanto, que o leitor tenha mais questionamentos ao terminar a leitura. Apesar de haver uma definição bastante propagada do que seriam crioulos e pidgins, quem se aventura pelas áreas da Linguística que estuda o contato, e a gênese de línguas que surgiram do contato linguístico, descobre que há uma grande controvérsia na classificação dessas línguas e dos rótulos que elas recebem.

Tendo essa controvérsia em mente, o presente texto se propõe a apresentar algumas das várias ideias que existem acerca de crioulos e pidgins. O objetivo é dar ao leitor uma visão geral dos autores clássicos e de autores mais recentes que pensam diferente dos clássicos.

Deste modo, o presente texto tem a seguinte divisão: entenderemos a origem dessas classificações, depois passaremos a ver as ideias clássicas acerca dessas línguas e também

* Mestrando do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL/FFLCH/USP).

das ideias mais recentes, e veremos exemplos de um crioulo específico, o crioulo haitiano, passando por um pouco de sua história, situação atual, e detalhes estruturais.

2. Crioulos e pidgins: a origem dos termos

O termo **crioulo** parece ter-se originado no século XVI, provavelmente do português ou espanhol, e foi inicialmente usado como uma designação etnográfica. Assim, os que nasciam nas colônias europeias nas Américas eram denominados *crioulos* (Winford, 2003: 305; Mufwene, 1997; Chaudenson e Mufwene, 2001; Palmié, 2006; Stewart, 2007). Com o tempo, esse termo passou a se aplicar às línguas que falavam os povos também chamados crioulos.

Petter (2015) comenta que o termo **pidgin**, por sua vez, foi cunhado em 1807, dois anos após o termo **crioulo** ter sido usado como designação linguística. Acredita-se que este termo tenha surgido a partir de uma pronúncia alterada da palavra inglesa *business*, tendo surgido em Cantão, na China (Mufwene, 2002).

Tanto crioulos como pidgins são línguas que surgiram do contato de várias línguas. Ainda assim, o que faz com que uma língua receba a classificação de crioula e outra seja chamada pidgin? Passaremos a ver as tentativas de definir crioulos e pidgins.

3. As visões clássicas

A visão clássica do que seriam línguas crioulas e pidgins são as que se encontram em grande parte dos manuais de introdução à linguística, dicionários de linguística etc. Essas definições apresentam um “ciclo de vida” (Bloomfield, 1933:472–474; Hall 1962; Bickerton 1981, 1984, 1988, 1990, 1999, 2008).

O início do ciclo é um pidgin. Um pidgin, nesta visão, é uma língua que surge pela necessidade de transações comerciais, por exemplo. Visto que seu uso se restringe a uma esfera específica da sociedade, sua estrutura é simples, e até rudimentar.

Esta língua reduzida, que surge do contato de dois grupos que não têm uma língua comum, começa a tomar forma, sendo o léxico provido pela língua de maior prestígio, (chamada de **superestrato**) e a gramática provida pela(s) língua(s) de menor prestígio

(chamada(s) de **substrato**). As línguas de maior prestígio, conforme atesta a história, são línguas europeias. As de menor prestígio, por outro lado, são línguas africanas.

Com o tempo, os pidgins passam a fazer parte de várias esferas da sociedade, ao passo que as crianças são expostas ao pidgin e o adquirem como idioma materno. Esse processo tem sido chamado **nativização** ou **crioulização** (Holm, 2000: 7). Nesse momento o pidgin passa a ser um crioulo.

A diferença básica, portanto, entre um pidgin e um crioulo é o fato de crioulos terem falantes nativos, e pidgins não. Mas o **ciclo de vida** de que estamos falando continua. Se um crioulo permanece em contato com sua língua lexificadora (o superestrato), a tendência é que ele passe pelo processo de **descrioulização**.

A descrioulização é o processo de perda das “características crioulas” e a aproximação a características da língua europeia lexificadora. De acordo com Holm (2000: 10), alguns sugerem que exemplos destas línguas **pós-crioulas** seriam o inglês vernacular afro-americano e o português brasileiro vernacular.

Tendo em mente esse ciclo de vida, que faz parte da visão clássica do que são crioulos e pidgins, muitos pesquisadores voltaram sua atenção ao processo de formação dessas línguas. Assim é que começaram a surgir muitas teorias que pudessem dar conta de explicar a gênese dessas línguas que resultaram do contato linguístico. Começamos pelo que ficou conhecido como a Teoria da Monogênese.

3.1 Teoria da Monogênese

Em seu livro sobre o crioulo espanhol das Filipinas, Whinnom (1956) sugere que esse crioulo teria se formado a partir do crioulo português da ilha indonésia de Ternate, que teria sido levado às Filipinas no século XVII. Eis um trecho da obra de Whinnom:

The similarities in grammar and syntax, and even of vocabulary between the Spanish contact vernaculars in the Philippines and Indo-Portuguese are so many – and they are not attributable to a common substratum – that we can be quite certain that Ternateño did develop out of the common Portuguese pidgin of the Eastern Seas. (p. 9; n. 21)

Contribuindo com mais dados, e revisando o trabalho de Whinnom (1956), Taylor (1959) e Thompson (1961) apontaram outras similaridades entre crioulos. Assim é que começa a tomar forma a Teoria da Monogênese.

Segundo esta teoria, muitos dos pidgins e crioulos têm uma origem comum. Esta origem seria um pidgin de léxico português que surgiu no século XV, na África, e que teria sido posteriormente **relexificado** em pidgins com base em outras línguas europeias, resultando em várias das línguas crioulas conhecidas modernamente (Holm, 2000).

Conforme comenta Couto (2002), “as ideias da monogênese e da relexificação passaram a ser uma [sic] das ideias mais atrativas da crioulistica”. Em termos simples, a hipótese da relexificação propõe a explicação de que a formação dessas línguas, que resultam do contato linguístico, se dá pela utilização do léxico de uma língua e da gramática de outra. Mais à frente, a relexificação voltará a ser abordada em detalhes.

3.2 A Hipótese do Bioprograma Linguístico

Com Bickerton (1981, 1983, 1984, 1988, 1990, 1999, 2008) nasce o que se conhece hoje como a Hipótese do Bioprograma Linguístico. Dando ênfase ao fato de as línguas crioulas terem características em comum, Bickerton (1984: 173) procura atribuir estas similaridades a um programa biolinguístico acessível às crianças que crescem numa comunidade em que há intenso contato linguístico. A ideia de ter a linguagem como parte biológica faz-nos lembrar do que já havia sugerido Chomsky (1981, 1982) sobre uma Gramática Universal. Ainda assim, Bickerton (1983), após comentar sobre a Gramática Universal, diz:

The evidence from creole languages suggests that first-language acquisition is mediated by an innate device of a rather different kind. Instead of making a range of grammatical models available, the device provides the child with a single and fairly specific grammatical model. It was only in pidgin-speaking communities, where there was no grammatical model that could compete with the child's innate grammar, that the innate grammar model was not eventually suppressed. The innate grammar was then clothed in whatever vocabulary was locally available and gave rise to the creole languages heard today. (p. 68)

DeGraff (1999) comenta que a Hipótese do Bioprograma Linguístico foi “a primeira tentativa gerativista de elucidar e explicitar a gênese dos crioulos combinando a criouliização com a aquisição de língua materna”. A hipótese de Bickerton não foi bem aceita por todos na comunidade acadêmica, incluindo o próprio DeGraff (2003, 2005) que tem rejeitado qualquer hipótese que coloque a formação de línguas crioulas como uma exceção a outras línguas.

3.3 Hipótese da Relexificação

Outra proposta de que já falamos, da qual trataremos com mais detalhes agora, tem sido chamada de Hipótese da Relexificação. O termo **relexificação** foi cunhado por Stewart (1962). Um dos trabalhos mais conhecidos dentro dessa hipótese é o de Lefebvre (1998), em que se analisa em detalhes o crioulo haitiano. Quem primeiro formulou essa hipótese, em termos formais, no entanto, foi Muysken (1981).

Muysken (1981) é conhecido por sua pesquisa sobre a media lengua, um dialeto do quéchua, falado no Equador, que teve o léxico substituído pelo do espanhol. Desse modo, a Hipótese da Relexificação ajudaria a explicar o processo em que se mantém o léxico de uma língua, mas a gramática de outra.

Lefebvre (1998) explica o conceito de relexificação, conforme formalizado por Muysken (1981), da seguinte maneira:

Relexification is thus a mental process that builds new lexical entries by copying the lexical entries of an already established lexicon and replacing their phonological representations with representations derived from another language.

Desse modo, há um léxico pré-existente (da L1 dos falantes) e os falantes entram em contato com outro léxico (de uma L2). A relexificação é orientada semanticamente, é necessário haver relação semântica entre os itens lexicais. O que se prediz é que esses itens terão as propriedades semânticas e sintáticas de uma língua (o substrato) e a representação fonética¹ da língua lexificadora (o superestrato).

3.4 Crioulos e pidgins: a que famílias pertencem?

¹ Lefebvre e Lumsden (1994a, 1994b) dizem propor uma representação “um pouco diferente” da de Muysken (1981), e falam em representação fonética, não fonológica.

Outras propostas teóricas surgiram para tentar explicar satisfatoriamente o processo de formação de crioulos e pidgins. Muitas delas, no entanto, deixam de considerar os fatores sociais do contato linguístico que também refletem na formação dessas línguas. Uma das propostas que reconhece a importância de observar os fatores sociais e ecológicos de como se dá o contato está em Thomason e Kaufman (1988), onde se lê:

It is the sociolinguistic history of the speakers, and not the structure of their language, that is the primary determinant of the linguistic outcome of language contact. Purely linguistic considerations are relevant but strictly secondary overall. (p. 35)

Apesar de reconhecer a importância dos fatores sociais, que hoje têm sido vistos como imprescindíveis para compreender melhor o contato linguístico, poucas informações sociolinguísticas aparecem no modelo de Thomason e Kaufman (1988). Seu ponto de vista é o da linguística histórica e o que se pretende é propor um modelo de análise que permita prever, até certo ponto, as interferências linguísticas que podem resultar do contato de línguas. Ainda assim, Thomason e Kaufman (1988) são mais conhecidos, não por seu modelo de análise, mas pelo que dizem a respeito da relação genética de crioulos e pidgins com as línguas que participaram de sua formação.

Segundo a proposta de Thomason e Kaufman (1988), os crioulos e pidgins não se formaram por transmissão normal, houve uma ruptura de transmissão, que resultou em aprendizagem imperfeita de L2. Essa transmissão “anormal” quebra, portanto, na visão desses autores, a filiação genética dos crioulos e pidgins tanto com as línguas de substrato quanto com as línguas de superestrato. Portanto, não cabe espaço para os crioulos e pidgins em uma *Stammbaumtheorie*.

Muitas dessas visões clássicas de que falamos até aqui põem os crioulos à parte das outras línguas. Modernamente pode-se citar McWhorter (1998) como um dos que propõem a existência de características específicas às línguas crioulas e que essas línguas são menos complexas do que outras línguas que não surgiram a partir do contato. Esta é apenas mais uma das ideias clássicas sobre os crioulos que vêm sendo contestadas por novas escolas de pensamento. E é exatamente dessas que passaremos a falar agora.

4. Rupturas às visões clássicas

McWhorter (2017) distingue, em seus próprios termos, dois grupos de crioulistas: os excepcionalistas (*exceptionalists*) e os uniformitários (*uniformitarians*). Ele mesmo se inclui entre os excepcionalistas e defende os crioulos como uma classe linguística de tipologia própria. Entre os uniformitários, McWhorter (2017) destaca: Enoch Aboh, Michel DeGraff, Salikoko Mufwene e Umberto Ansaldo.

O termo “uniformitário”, conforme usado por McWhorter, carrega a ideia principal desses pesquisadores: crioulos e pidgins são línguas como quaisquer outras línguas e não têm funcionamento ou características estruturais próprias que as diferencia das demais línguas naturais que não recebem o rótulo de crioulo ou pidgin.

É com esta ideia em mente que Ansaldo e Matthews (2007) questionam muitas das ideias clássicas de que já falamos. Assim, os autores argumentam contra o que chamam de uma série de mitos, a saber, o mito da simplicidade (são os crioulos menos complexos?), o mito da descrioulização (será que os crioulos fazem parte de um ciclo de vida?), o mito da diacronia excepcional (será mesmo que diacronicamente os crioulos são uma exceção no seu desenvolvimento?), e muitos outros.

Um dos trabalhos mais conhecidos como uma tentativa de desmitificar afirmações que se têm propagado sobre línguas crioulas e pidgins está em DeGraff (2003, 2005). Esse linguista, que é falante nativo de crioulo haitiano, argumenta, com base em documentos históricos, que o termo *crioulo*, mesmo antes de passar a designar línguas, já tinha um “sabor de exceção”, em suas próprias palavras, e este “sabor” foi passado para o estudo científico das línguas naturais. Veja o que diz DeGraff (2005):

Creole Exceptionalism begins with the epistemological baggage that is entailed by the very term “Creole” (...). This exceptionalist baggage, a legacy of the race-theoretical assumptions that were promoted as part and parcel of Europe’s *mission civilisatrice* in Africa and the Americas, has been forcefully dragged across time and space, and it is still central

to much work in contemporary creolistics, independent of theoretical orientation. (p. 537)

O texto de DeGraff é extenso, sua argumentação é extensa, e passa por várias das ideias que foram apresentadas neste texto, como: o ciclo de vida dos crioulos (i.d., pidginização > criouliização > descriouliização), a quebra de transmissão linguística regular, a aprendizagem imperfeita, a relação genética dos crioulos com as línguas envolvidas em sua formação, a questão da complexidade (ou a falta dela) nos crioulos etc.

Na visão de DeGraff, um crioulo não precisa ter um pidgin como ancestral, por assim dizer. E, de fato, não há evidências de que o crioulo haitiano, por exemplo, tenha sido precedido por um pidgin. O mesmo é verdade para outros crioulos caribenhos. Assim sendo, o que seria um pidgin e um crioulo?

Mufwene (2002, 2007, 2008) chama a atenção para o fato de que onde há crioulos não há pidgins, e o inverso também é verdade. Desse modo, ele lança mão de explicações históricas para dizer o que é um crioulo e o que é um pidgin. Crioulos se desenvolveram em colônias de povoação cuja organização seguiu o modelo econômico que se conhece como *plantation*. Os pidgins, por outro lado, desenvolveram-se em colônia de exploração. Para Mufwene, portanto, designar uma língua como crioula ou como pidgin tem a ver com fatores sócio-históricos e não linguísticos.

Para contra-argumentar as ideias de que crioulos e pidgins são de algum modo uma exceção, Aboh e DeGraff (2017) têm trabalhado na divulgação do que eles têm chamado de *Null Theory for Creole Formation*. Eis um trecho que esclarece o que se pretende:

Our null theory does away with any *sui generis* stipulation that applies to Creole languages only. Instead, it is rooted in basic assumptions and findings that apply to *all* languages and to how learners acquire these languages. In this approach, the emergence of any new language or language variety in the context of language contact sheds light on the interplay of first and second language acquisition as new grammars are built from complex and variable input. (p. 30)

Chamar esta teoria de “nula” tem a ver com a ideia defendida pelos autores de que não é necessário haver uma teoria específica para explicar os crioulos e pidgins. As teorias da Linguística que têm servido para todas as línguas são também aplicáveis a essas línguas.

Isso não quer dizer que se deve deixar de lado tentar entender como se deu o processo de formação dessas línguas. DeGraff (2002) e Aboh e DeGraff (2017) falam em uma “Cascata de aquisição de L2 e aquisição de L1”. Esta “cascata” leva em consideração o que já está disponível na literatura a respeito da aquisição de L1 e das estratégias de aquisição de L2. Deste modo, o ambiente linguístico propiciou a formação dessas novas línguas, mas os processos que atuaram são os mesmos que já se conhecem e acontecem a todo tempo quando tentamos aprender uma nova língua.

Passaremos agora a falar um pouco a respeito de um crioulo específico, o crioulo haitiano. Veremos um pouco da história desse crioulo, sua situação atual no Haiti, e alguns aspectos estruturais para exemplificar algumas de suas complexidades.

5. O crioulo haitiano

Dos crioulos do Caribe, o crioulo haitiano é o que tem o maior número de falantes, mais de 10 milhões. Este é um crioulo de base lexical francesa, resultado do contato entre franceses e africanos no século XVII e XVIII no Haiti colonial, conhecido anteriormente como *Saint-Domingue*. Os primeiros africanos a chegar no Haiti vieram de St-Louis e Gorée, no Senegal. Mais tarde chegaram os da Nova Guiné. Há a documentação da chegada de seis navios antes da década de 1690, todos da Senegâmbia (Mettas, 1978, 1984; Ly, 1955; Eltis et al., 1999).

O crioulo haitiano já foi apontado como sendo um dos crioulos mais bem estudados. Ainda assim, há muitas controvérsias acerca do crioulo haitiano. Alguns trabalhos defendem que certos traços estruturais do crioulo haitiano são de natureza africana, como é o caso em Sylvain (1936), e outros mostram que estes mesmos traços podem ser atribuídos a dialetos do francês, especialmente os da Normandia (Veja também: Aboh e DeGraff, 2017: 4). Informações mais detalhadas sobre a história do Haiti e, conseqüentemente, a história do crioulo haitiano, se encontram em Aboh e DeGraff (2017), Holm (2000: 86-91), Muysken e Veenstra (1994), Parkvall (2012: 255), Valdman (1971: 202; 1979: 100).

Passaremos a fazer algumas considerações sobre a atual situação do crioulo haitiano no Haiti. O que será apresentado reflete também a situação de outros crioulos e pidgins, e tal situação se deve, também, à inferiorização dessas línguas em relação às línguas europeias.

5.1 O crioulo do Haiti no Haiti hoje

Apesar de o Haiti muitas vezes ser classificado como país bilíngue, no qual coexistem o francês e o crioulo haitiano, já não é novidade dizer que tal bilinguismo não existe. A língua do haitiano é apenas o crioulo. O Estado, no entanto, tem imposto desde sempre o francês em detrimento do crioulo. É esta realidade que levou estudiosos como Yves Dejean (1983) a apelidar o Haiti de “filho terrível da diglossia”. Dejean (1983) ainda lembra que o termo “diglossia” não é aplicável ao Haiti, visto que “todos os haitianos falam crioulo e que a grande maioria deles (por volta de 95%) são falantes monolíngues de crioulo. Esta maioria não pode, portanto, fazer uma escolha entre o crioulo (sua única língua materna) e o francês (que não falam).”

É sabido por aqueles que estão a par da situação da educação básica no Haiti que a adoção do francês como língua usada em sala de aula traz prejuízos, visto que o francês não é a língua dos alunos e nem a língua dos professores. Alguns poucos professores haitianos têm travado uma briga, por assim dizer, para mudar essa situação.

Novas iniciativas buscam promover o uso do crioulo nas escolas, uma vez que ensinar as crianças em francês tem sido barreira para o ensino de muitas matérias escolares básicas. O maior defensor dessa causa é, inegavelmente, Michel DeGraff, do *Massachusetts Institute of Technology*. É justamente em um texto de DeGraff (2017) que se encontram alguns exemplos dessa situação. Eis um trecho²:

Voici une situation dont j’ai été témoin en 2011 dans une école publique de La Gonâve, pendant une leçon de sciences naturelles en classe de 3e année fondamentale. L’instituteur avait écrit au tableau cette question à choix multiples: « Qu’est-ce qu’un arbre? Les arbres sont des: a) êtres vivant [sic]; b) êtres non vivants; c) êtres passant [sic] des pieds. » Il avait sans doute l’intention d’écrire ‘possédant’, n’a cependant pas semblé remarquer la faute d’orthographe lorsque je

²Eis uma situação da qual fui testemunha em 2011 em uma escola pública em La Gonâve, durante uma lição de ciências naturais numa sala do 3º ano do fundamental. O professor havia escrito no quadro esta questão de múltipla escolha: “O que uma “árvore” é?” As árvores são: (a) seres vivo (sic); (b) seres não vivos; (c) seres que passam (sic) pés. Sem dúvida, a intenção era escrever “possuem”, ainda que ele não tenha notado o erro ortográfico, mesmo quando eu perguntei o que ele entendia por “passuem”. Mas de onde poderia ter vindo essa menção a “pés”? Por que a sequência “seres que p[o]ssuem pés” apareceu junto às expressões “seres vivos” e “seres não vivos”? Isso pode ser facilmente compreendido depois de nos darmos conta de que o professor é, em primeiro lugar, uma falante de crioulo, com limitações no francês. Em crioulo, “laranjeira” se diz *pye zoranj* [pje zoãz] (pé de laranja), “bananeira” é *pye bannann* [pje bãnnã] (pé de banana), e “árvore” é *pye bwa* [pje bwa] (literalmente, pé de madeira). Portanto, para um crioulofóno, que sabe que os nomes de árvores geralmente contêm a palavra “pé”, parece lógico perguntar aos alunos se uma árvore é *definida* como algo que possui pés. — A tradução é minha.

lui ai demandé ce qu'il entendait par 'passedant'. Mais d'où pouvaient bien venir ces 'pieds'? Pourquoi la séquence « êtres p[o]ss[é]dant des pieds » a-t-elle été ajoutée à « êtres vivants » et « êtres non vivants »? On l'explique facilement si l'on se rappelle que l'instituteur est d'abord un locuteur de créole, avec une aisance limitée en français. En créole, 'oranger' se dit *pye zoranj*, 'bananier' *pye bannann*, et 'arbre' *pye bwa* (littéralement 'pied bois'). Donc pour un créolophone qui sait qu'en créole les noms des arbres contiennent généralement le mot *pye*, il peut être logique de demander aux élèves si un arbre est défini comme quelque chose qui possède des pieds. (p. 181-2)

Este é um dos vários exemplos que comprovam a necessidade de o professor e os alunos usarem seu próprio idioma em sala de aula, a fim de que possam aprender o básico dos vários campos do conhecimento sem o ruído, por assim dizer, causado pelo uso de uma língua estrangeira. Tendo isto em mente, o problema não é o ensino *do* francês, mas o ensino *em* francês, que não é a língua que aprendem em seus lares.

Sem dúvida, essa situação resulta do prestígio que o francês tem, ainda que sejam poucos os que de fato o sabem, e a crença, que já se instalou na concepção mesmo dos falantes nativos, de que o crioulo é uma língua inferior. Não é incomum ouvir de haitianos que o “crioulo não tem gramática”, ou que “não é possível ensinar matemática em crioulo” etc. A comunidade científica, em especial os linguistas, podem ter participação significativa em desfazer essas ideias anticientíficas.

Uma maneira de começar a desfazer ideias como as mencionadas acima é dar atenção à descrição da língua em questão, e engajar-se em divulgação científica a fim de combater ideias que rebaixam línguas crioulas.

Vejamos algumas considerações pontuais sobre algumas das complexidades gramaticais do crioulo haitiano.

5.2 O crioulo haitiano e algumas de suas complexidades

Escolheu-se abordar algumas questões específicas da morfossintaxe do crioulo haitiano. Em primeiro lugar, vejamos a complexa relação do morfema {la} com o contexto fonético, e sua colocação no sintagma nominal.

O crioulo haitiano possui um determinante indefinido pré-nominal, e um determinante definido pós-nominal. O morfema {la}, que serve como determinante definido, tem os seguintes alomorfes que são condicionados pelo contexto fonético³:

{la} → [la] / [C] __ ex.: *pòt la* = a porta

{la} → [nã] / [Ĉ] __ ex.: *kabann nan* = a cama

{la} → [lã] / [ṼC] __ ex.: *soufrans lan* = o sofrimento

{la} → [a] / [V] __ ex.: *bato a* = o barco

{la} → [ã] / [Ṽ] __ ex.: *gason an* = o homem

Dentro do sintagma nominal, o determinante definido aparece em último lugar. Veja o exemplo abaixo:

[liv_i mwen te li a_i]^{SN} te bon anpil
 livro_i 1^aSG ANT ler DET_i ANT bom muito
 ‘o livro que eu li estava/era muito bom’

Passemos a ver algo interessante que acontece com o verbo *bay* (‘dar’). *Bay* vem de *bailler*, forma francesa antiga. Conforme destaca Lefebvre (1998), *bay* é um verbo de duplo objeto. Os dois argumentos internos de *bay* são sintagmas nominais. A ordem dos papéis temáticos sempre será Beneficiário-Tema. Veja o exemplo a seguir:

Jan te bay [Mari]^{SN-θbeneficiário} [yon kado]^{SN-θtema}
 João ANT dar Maria DET-indef presente
 ‘João deu um presente a Maria’

Se, no entanto, o SN-θbeneficiário for um pronome, haverá uma espécie de “concordância”. {Bay} passará a [bã] diante de *mwen* (1^aSG) e *nou* (1^aPL, 2^aPL), e passará a [ba] diante de *ou* (2^aSG), *li* (3^aSG) e *yo* (3^aPL). Veja os exemplos:

li te **ban mwen** yon kado
 3^aSG ANT dar 1^aSG DET-indef presente
 ‘ele(a) me deu um presente’

³ C = Consoante; V = Vogal; o til (~) é usado para marcar o traço [+ nasal].

mwen te **ba** **yo** yon kado
 1ªSG ANT dar 3ªPL DET-indef presente
 ‘eu dei um presente a eles’

Se o pronome *li* ou *yo* for usado como anafórico para retomar o SN- θ tema, não haverá a concordância. Imagine que alguém pergunte: “quem deu o presente?” A resposta será conforme o exemplo a seguir:

mwen te bay [[i]^{SN- θ tema}
 1ªSG ANT dar 3ªSG
 ‘eu o dei’

Vê a complexidade? Não ocorre a mudança de *bay* para *ba*, como se esperaria, porque este parece ser um fenômeno sensível não somente ao contexto fonético, mas também a outras propriedades, como o papel temático do argumento que sucede imediatamente o verbo *bay*. Se tivéssemos “mwen te ba li” a única tradução seria “eu dei a ele”. Visto que temos “mwen te bay li”, a única tradução possível é “eu o dei”.

6. Conclusão

Vimos brevemente alguns aspectos da gramática do crioulo haitiano. Vimos também muito brevemente algumas ideias sobre o que seriam línguas crioulas. Ainda há muito a ser explorado tanto no campo teórico quanto no campo descritivo sobre o contato de línguas, e a formação de novas línguas.

Em anos recentes, parece que um ramo da linguística tem passado a ter mais atenção. Este campo se chama Linguística de Contato. Segundo Petter (comunicação pessoal), no Brasil costuma-se colocá-lo como uma subárea da sociolinguística, mas em outros países este campo tem sido uma subárea da Linguística Histórica. De fato, há muitas áreas da Linguística que já estão bem consolidadas e que são importantes para a Linguística de Contato. Uma delas está mais próxima dos estudos de linguística aplicada, em especial os estudos de aquisição de segunda língua.

Não há língua natural que não tenha passado por contato sem carregar algum vestígio desse contato. Entre vários interesses, a Linguística de Contato tem o objetivo de entender melhor o modo como novas línguas surgem da interação linguística. São diversas as etapas

a seguir para explicar satisfatória e acuradamente a formação dessas línguas. Um fator imprescindível a estudar é a ecologia linguística (i.e., o ambiente linguístico) particular de cada língua de contato.

Fica a você o convite de se aventurar pelo estudo do contato de línguas. Muito ainda precisa ser discutido, examinado e argumentado. Felizmente, muitos projetos há que estão contribuindo para que essas línguas sejam cada vez mais usadas pelos seus falantes em todas as esferas da sociedade além do ambiente familiar, a saber, na religião, na educação, na mídia, nas artes, na economia e no governo. Dois desses projetos são: (1) o MIT-Haiti, que fornece recursos educacionais, como livros e vídeos, em crioulo haitiano, e (2) o *site* de notícias da BBC em pidgin nigeriano (bbc.com/pidgin).

Para se aprofundar no tema abordado neste texto, você talvez queira acessar dois cursos gratuitos que estão disponíveis *on-line*. O primeiro é um curso de Michel DeGraff, professor do *Massachusetts Institute of Technology*, e está disponível pelo seguinte *link*: <https://ocw.mit.edu/courses/linguistics-and-philosophy/24-908-creole-language-and-caribbean-identities-spring-2017/class-videos/>. Outro curso, que pode ser considerado uma resposta e contra-argumentação às ideias que Aboh e DeGraff (2017) têm proposto, é de John McWhorter, professor da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, e pode ser acessado pelo seguinte *link*: <https://www.youtube.com/channel/UCn9-528hp0fm4gGskrWU4Yw/videos>. Bons estudos!

Bibliografia

ABOH, Enoch, e DEGRAFF, Michel. (2017). *A Null Theory of Creole Formation Based on Universal Grammar*. *Oxford Handbooks Online*.

ANSALDO, Umberto; Matthews, Stephen. *Deconstructing creole: the rationale*. In: Ansaldo, Umberto; Matthews, Stephen; Lim, Lisa TITLE: Deconstructing Creole PUBLISHER: John Benjamins YEAR: 2007

BICKERTON, Derek (1981). *Roots of language*. Ann Harbor MI: Karoma.

_____. (1983). Creole languages. *Scientific American*, 249(1), 116-122.

_____. (1984). 'The language bioprogram hypothesis,' *Behavioral and Brain Sciences*, vol. 7, pp. 173–203.

_____. (1988). 'Creole languages and the Bioprogram,' in Frederick Newmeyer (ed.), *Linguistics: The Cambridge survey*, Volume 2, pp. 268–284. Cambridge: Cambridge University Press

_____. *Language and species*. Chicago: University of Chicago Press.

_____. (1999). 'How to acquire language without positive evidence: What acquisitionists can learn from Creoles,' in Michel DeGraff (ed.) *Language creation and language change: Creolization, diachrony and development*, pp. 49–74. Cambridge, MA: MIT Press.

_____. (2008). *Bastard tongues: A trail-blazing linguist finds clues to our common humanity in the world's lowliest languages*. New York: Hill and Wang.

BLOOMFIELD, Leonard (1933). *Language*. New York: H. Holt and Company.

CHAUDENSON, Robert, and Salikoko Mufwene (2001). *Creolization of language and culture*. London: Routledge.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Linguistic Inquiry Monograph 6, Massachusetts Institute of Technology, 1982.

COUTO, Hildo Honório do. *Contato Interlinguístico: da interação à gramática*. 2ª ed. Universidade de Brasília: Brasília, 2017.

DEGRAFF, MICHEL. 1999. *Language creation and language change: Creolization, diachrony and development*. Cambridge, MA: MIT Press.

_____. (2002). Relexification: A reevaluation. *Anthropological Linguistics* 44:321–414.

_____. (2003). Against Creole Exceptionalism. *Language* 79:391–410.

_____. 2005. *Linguists' most dangerous myth: The fallacy of Creole Exceptionalism*. *Language in Society*, 34(04).

_____. 2017. *La langue maternelle comme fondement du savoir: L'initiative MIT-Haïti: vers une éducation en créole efficace et inclusive*. *Revue transatlantique d'études suisses*.

DEJEAN, Yves, 1983. *Diglossia revisited: French and Creole in Haiti*. *Word*, 34, 189-213.

ELTIS, D, Behrendt, S, Richardson, D & Klein, H 1999 *The Trans-Atlantic slave trade*. CD-ROM. Cambridge: Cambridge University Press.

HALL, Robert A., Jr. (1962). 'The life-cycle of pidgin languages,' *Lingua*, vol. 11, pp. 151–156.

HOLM, John. *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge University Press, 2000.

LEFEBVRE, Claire. *Creole genesis and the acquisition of grammar: the case of Haitian Creole*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

Lefebvre, Claire and Lumsden, John S. 1994a, 'Le rôle central de la relexification dans la genèse des langues créoles', *Plurilinguismes* 8: 47–93.

_____. 1994b. 'Relexification in creole genesis', in: LEFEBVRE, Claire and LUMSDEN, John S. (eds.) 1994, *The Central Role of Relexification in Creole Genesis: The Case of Haitian Creole*. Research report prepared for SSHRCC on the project *La genèse du créole haïtien: un cas particulier d'investigation sur la forme de la grammaire universelle*, Université du Québec à Montréal.

LY, Abdoulaye 1955 *L'Évolution du commerce français d'Afrique noire dans le dernier quart du XVIIIe siècle. La Compagnie du Sénégal 1673 à 1696*. Bordeaux: Thèse pour le Doctorat ès Lettres, Université de Bordeaux.

McWHORTER, John (1998). Identifying the Creole prototype: Vindicating a typological class. *Language* 74:788–818.

_____. 2017. *Lecture one: are creoles nothing but hybrids?* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L57FlocCOWk&t=86s>>. Acesso em: 25/07/2019.

METTAS, Jean 1978 *Répertoire des expéditions négrières françaises au XVIIIe siècle*. Vol. 1. Paris: Société Française d'Histoire d'Outre-Mer.

_____. 1984 *Répertoire des expéditions négrières françaises au XVIIIe siècle*. Vol. 2. Paris: Société Française d'Histoire d'Outre-Mer.

MUFWENE, Salikoko (1997). 'Jargons, pidgins, creoles, and koines: What are they?' In Arthur Spears and Donald Winford (eds.), *The structure and status of pidgins and creoles*, pp. 35–70. Amsterdam: Benjamins.

_____. *Pidgin and Creole Languages*. In: SMERLSER, N. J.; BALTES, P. B. (eds.) *International encyclopedia of the social and behavioral sciences*. Elsevier, 2002.

_____. *What does creoles and pidgins tell us about the evolution of language?* In: LAKS, B.; CLEUZIOU, S.; DEMOULE, J. P.; ENCREVÉ, P. (orgs.) *The origin and evolution of languages: approaches, models, paradigms*. London: Equinox, 2007.

_____. 2008. *Language evolution: contact competition, and change*. London: Continuum Press.

MUYSKEN, Pieter C. 1981, 'Half-way between Quechua and Spanish: The case for relexification', In: Highfield and Valdman (eds.), pp. 52–79.

MUYSKEN, Pieter C.; VEENSTRA, Tonjes. *Haitian*. In: ARENDS, Jacques et al. *Pidgins and Creoles: an introduction*. John Benjamins B.V.: 1994.

PALMIÉ, Stephan (2006). 'Creolization and its discontents,' *Annual Review of Anthropology*, vol. 35, pp. 433–456.

PARKVALL, Mikael. *Da África para o Atlântico*. Tradução de Rodolfo Ilari, 2012. Editora Unicamp, Campinas.

PETTER, Margarida T. *Introdução à Linguística Africana*. Contexto: São Paulo, 2015.

STEWART, Charles (2007). *Creolization: History, ethnography, theory*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press.

TAYLOR, D. R. (1959) 'On function words versus form in "non-traditional" languages', *Word* 15:485–9.

THOMASON, S. e KAUFMAN, T. 1988. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press. xiii+411pp.

THOMPSON, R. W. (1961) 'A note on some possible affinities between the creole dialects of the Old World and those of the New', in Le Page, pp. 107–13.

VALDMAN, Albert (1971). Review of D'Ans 1968. *International Journal of American Linguistics* 38:202–8.

_____. (1979) *La situation linguistique en Haïti. Études créoles* 2(2):95–106.

WHINNOM, K. (1956) *Spanish contact vernaculars in the Philippine Islands*, Hong Kong University Press, Hong Kong.

WINFORD, Donald. *Introduction to Contact Linguistics*. Blackwell Publishing Ltd: 2003.



O trabalho Afinal, o que são crioulos e pidgins? de Bruno Pinto Silva está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em www.bruno-linguist.net.